

CONTRIBUIÇÕES DO *SPORT EDUCATION* PARA O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ivan Oliveira dos Santos
ivan.gre98@gmail.com
Marlon André da Silva
marlon.silva@osorio.ifrs.edu.br

Resumo: Trata-se de uma revisão de literatura desenvolvida durante o programa de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional cujo objetivo foi identificar o potencial do método Sport Education (SE) para o trabalho docente em Educação Física. A partir da eleição de alguns critérios de inclusão e de exclusão, a revisão foi efetuada em artigos científicos da área da Educação Física publicadas entre 2013 e 2023, selecionados na base de dados Periódicos da CAPES. Foi utilizado como descritores de busca os termos “Sport Education”, “Educação Física”, “Ensino” e “Escola”. Entre os principais resultados evidenciados na análise destacam-se: a) a metodologia tem potencial para ensinar o esporte de forma eficiente na escola; b) O SE possibilita a formação de alunos críticos e com conhecimento mais aprofundado sobre o esporte; c) o método SE oportuniza o aumento do protagonismo do aluno no processo de ensino e aprendizagem dos esportes, o que colabora para o aumento da inclusão no meio escolar. Com as devidas adequações necessárias, tendo em vista o contexto cultural e socioeconômico de cada instituição escolar, conclui-se que o método SE pode contribuir de forma significativa para o alcance dos objetivos do trabalho docente na Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Sport Education; Ensino; Esporte.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo surge com a ideia de dar seguimento aos estudos iniciados na minha graduação em Educação Física (EF), quando tive a oportunidade de estudar as metodologias de ensino do esporte, sendo que, naquele momento, estudava formas de ensinar o esporte para crianças do ensino fundamental escolar. Parto do pressuposto teórico e político de que um dos papéis dos educadores que visam uma educação crítica e emancipatória é estar sempre à busca de novas estratégias didático-metodológicas que contribuam para qualificar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes (HERNÁNDEZ, 2007).

Dessa forma, como professor de Educação Física, meu principal interesse é estudar e compreender outras (novas) formas de melhorar minha prática docente para tornar a aula sempre mais atrativa e significativa para os estudantes. Do mesmo modo,

entendo que posso contribuir com área da EF na medida que meus estudos auxiliem a fazer pensar outros professores implicados na mesma temática.

Entendo que o esporte, dada sua complexidade e as várias formas de manifestação, tem se constituído num dos conteúdos mais desafiadores de tematizar na EF escolar. Ao mesmo tempo, sua aprendizagem ainda desperta interesse e prazer nos alunos. Nesse sentido, dada a necessidade de conhecer diversas metodologias e estratégias didáticas para o ensino do esporte, no intuito de me preparar melhor para lidar com as diversas e desafiadoras situações da prática de ensino, cheguei até a teoria denominada *Sport Education* (SE) (GRAÇA; MESQUITA, 2007). Ao tomar ciência dessa teoria, conhecer seus princípios, resolvi desenvolvê-la em minha prática docente, obviamente, realizando adequações ao contexto dos alunos e da escola.

Nessa breve experiência de três anos utilizando o SE em minha prática docente pude observar que o referido método apresenta alguns desafios, tanto quanto, algumas vantagens, em relação aos métodos tradicionais utilizados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Tais desafios estão relacionados com as questões: de gênero no esporte, de melhor compreensão das situações reais de jogo, de aprender a relação histórico-cultural do esporte com outras esferas, como a política, a econômica e, principalmente, com a educação escolar, entre outros.

Nesse sentido, surgiram algumas dúvidas: será que esses desafios são observados por outros professores de EF, que também experimentaram o SE no contexto brasileiro? Na mesma linha, como será que o SE tem sido apropriado e desenvolvido por outros professores de EF no Brasil? Quais seriam suas contribuições para a prática pedagógica da EF escolar, de fato? Enfim, qual seu potencial enquanto método de ensino dos esportes, na perspectiva dos professores de EF no Brasil?

Desse modo, investigar em que medida a temática do SE relacionada à prática docente dos professores de EF também é motivo de (pré)ocupação de outros pesquisadores da área da Educação Física escolar; me parece uma prática a ser considerada para efeito de calibrar minhas aspirações investigativas. Uma prática que aponta para a relevância e necessidade de realização de uma revisão de literatura, a qual é sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer (SILVA; MOLINA, 2016).

Nesse sentido, este estudo foi pensado tendo como objetivo foi identificar o potencial do método Sport Education (SE) para o trabalho docente em Educação Física.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Pode-se dividir a educação em três tipos, a formal, não formal e informal. Segundo Gohn (2006, p. 28):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Por sua vez, a escola tem como uma de suas funções a socialização dos sujeitos no mundo no qual pertencem colaborando para a construção de cidadãos que saibam viver em sociedade, respeitando as regras, leis e, também, que consigam compreender o mundo do trabalho para que possam se inserir nele de alguma forma. Além disso, um dos fatores primordiais da existência da escola, é o papel de oportunizar o acesso a conhecimentos que o aluno não tem fora da escola (PÉREZ GÓMEZ, 2000). Saviani (2003) corrobora com essa visão, salientando que a função da escola é propiciar aos estudantes o acesso ao saber elaborado, ou seja, o conhecimento científico, e de socializar o saber sistematizado.

Desta forma, entende-se que na escola é onde o aluno vai ampliar a sua visão sobre o mundo que ele pertence, ou seja, vai construir conhecimentos ao ponto de aperfeiçoar, ao menos, as condições intelectuais do indivíduo. Temos na escola um local potencial para fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo. Pensando dessa forma, a escola se concretiza como um ambiente democrático de acesso e oportunidade de aprender (YOUNG, 2007).

A estrutura escolar para proporcionar acesso a esses aprendizados aos alunos é organizada em componentes curriculares. A Educação Física escolar é o componente curricular responsável por tematizar as práticas corporais em suas diversas formas de manifestação. Especificamente, ela é responsável por abranger a

cultura corporal de movimento, a qual se caracteriza por movimentos e práticas corporais desenvolvidas pelos seres humanos ao longo da história ((GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Podemos, assim, dividir as práticas corporais quanto ao seu caráter: utilitário ou lúdico. Aquelas que se relacionam com a realidade de sobrevivência, adaptação ao meio, produção de bens, resolução de problemas estão mais próximas do caráter utilitário. Já aquelas realizadas com fim em si mesmas, por prazer ou divertimento são as lúdicas. Ressalto que o que define o caráter lúdico ou utilitário não é a prática em si, mas sim a intenção da pessoa que está praticando, por exemplo, uma dança pode ser praticada com objetivos utilitários, no caso de uma dançarina profissional, e também pode ser entendida como lúdica quando feita por uma pessoa em seu momento de lazer (BRASIL,1997).

Nesse contexto, surgem conhecimentos e representações que se modificam ao longo da história. No tempo presente, como exemplo, temos o futebol feminino crescendo como opção profissional, sendo que a pouco tempo isso não era visto como plausível. Algumas dessas produções da cultura corporal de movimento, foram incorporadas pela Educação Física Escolar como objetos de ação e reflexão, tais quais: os jogos e brincadeiras; os esportes; as danças; as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana (BRASIL,1997).

A vivência dessas práticas corporais na escola proporciona ao aluno acesso a dimensões do conhecimento e experiências ímpares, desde que sejam organizadas de forma intencional pelo docente. Para que elas sejam significativas para o estudante é interessante que o professor problematize as práticas corporais gerando reflexões para enriquecer as mesmas com diversos sentidos e significados (BRASIL, 2017).

Visando que todos os alunos do Brasil tenham o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns, independentemente do local e escola que estudam, em 2017 foi publicado pelo Ministério da Educação (MEC) a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse documento, de caráter normativo, define as aprendizagens essenciais que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver ao longo do ensino infantil, fundamental e médio. Assim, as práticas corporais estão organizadas em unidades temáticas para serem trabalhadas ao longo da educação básica pela Educação Física, sendo elas: Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginástica, Danças, Lutas e práticas corporais de aventura. Durante o

percurso docente, o documento sugere que seja privilegiado as oito dimensões do conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário (BRASIL, 2017).

Ressalto, também, que antes da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já orientavam a prática docente em Educação Física, esse documento orienta que o processo de ensino-aprendizagem seja contextualizado, significativo e desenvolva conhecimentos de acordo com três dimensões do conhecimento: Atitudinal, Conceitual e Procedimental (BRASIL, 1997).

É importante destacar que a Educação Física deve ir além do corpo biológico e trabalhar aspectos cognitivos, afetivos, sociais e culturais, promovendo o desenvolvimento integral do indivíduo. Visando desenvolver autonomia do estudante por meio da técnica; competência social, relativo aos conhecimentos e esclarecimentos que os alunos devem adquirir para entender o próprio contexto sócio-cultural e a competência comunicativa, que está relacionada ao processo reflexivo responsável pela construção do pensamento crítico, que pode ser de caráter verbal, escrita e/ou corporal (KUNZ, 1994 apud DA SILVA et al, 2016).

Cabe salientar que em relação às outras disciplinas escolares, a Educação Física apresenta naturalmente características bem distintas das demais, pois as aulas acontecem, geralmente, em ambientes abertos, envolvem bastante movimentação corporal e, de forma geral, os alunos se sentem mais “livres”, logo mais excitados, alegres e agitados. Charlot (2009) considera que os estudantes enxergam essa aula como um momento de liberdade do corpo, um espaço e tempo no currículo em que eles podem ser eles mesmos.

Levando isso em consideração, certa forma, é um desafio mediar esse excesso de energia para que seja usada de forma organizada e caminhe para a formação dos alunos com novos saberes. Ou seja, utilizar todo o entusiasmo dos estudantes para tematizar as práticas corporais: objeto de conhecimento da Educação Física escolar; e além disso, cumprir com a responsabilidade docente de garantir o direito do estudante de ter acesso aos saberes que fazem parte do mundo em que vivemos.

3 O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

No século XXI, o fenômeno esportivo vem se tornando um dos mais importantes na vida das pessoas, estando presente de alguma forma em suas vidas, seja como praticante ou telespectador, alcançando diversas esferas da vida humana como relações sociais e pesquisas científicas, fazendo parte assim das significações criadas pelo ser humano (GALATTI et al., 2014). Por isso o ensino do esporte na escola, de acordo com os propósitos do ensino (da escola, e da educação física em especial) escolar, se justifica por fatores como:

1. O esporte é um bom meio de desenvolvimento da aptidão física, que é, por sua vez, elemento importante da saúde; 2. O esporte é um bom meio de desenvolver qualidades sociais e morais (espírito colaborativo, espírito competitivo, capacidade de assimilar derrotas e vitórias, respeito às regras etc.); 3. Ensinar os esportes nas aulas de Educação Física vai permitir massificar a prática do esporte em nosso país; 4. A massificação do esporte vai propiciar o aparecimento e a descoberta de muitos talentos esportivos que poderão ser “lapidados” e então participar das seleções regionais e nacionais nas diferentes modalidades; 5. Aprender um esporte pode significar, para alguns alunos, uma ocupação profissional futura; 6. Aprender e praticar esportes pode oferecer aos alunos uma ocupação saudável do seu tempo livre e com isso evitar que eles se envolvam em atividades socialmente desaprovadas, como o uso de drogas (alunos em situação de risco social); 7. Ensinar o esporte nas aulas de Educação Física tem o objetivo de identificar talento que possam participar dos campeonatos escolares representando a escola e, quem sabe, o município ou mesmo o Estado; 8. Aprender a praticar esportes pode significar incorporar essa prática no seu estilo de vida e, portanto, garantir uma vida mais saudável e de melhor qualidade; 9. O esporte faz parte da nossa cultura e participa de forma bastante intensa da vida de muitas pessoas, assim, conhecê-lo significa poder participar mais plenamente da vida social; 10. Aprender a praticar esportes permitirá que o aluno no futuro opte por realizar essa prática em seu lazer (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.10-11).

Na escola, o fenômeno esportivo deve ser tematizado seguindo as orientações da BNCC, a qual organizou o ensino dos esportes em unidades temáticas que são estruturadas utilizando um modelo de classificação baseado na lógica interna das práticas esportivas, que leva como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação. Essa organização viabiliza que as modalidades esportivas sejam distribuídas em categorias, privilegiando as ações motoras intrínsecas e reunindo esportes que apresentam exigências parecidas no decorrer de suas práticas. Desta forma, os esportes foram distribuídos em sete categorias: Marca; Precisão; Técnico-combinatório; Rede/parede; Campo e taco; Invasão; e Combate (BRASIL, 2017).

Partindo dessa classificação o professor pode, de acordo com sua intencionalidade, tematizar alguns esportes de cada grupo de modalidades se utilizando de abordagens e métodos de ensino que acredita serem mais efetivos para o contexto em que está inserido.

Por sua vez, o ato de ensino dos esportes está ligado diretamente com a pedagogia do esporte. De acordo com Reverdito (2009), a pedagogia do esporte surge do anseio de se resolver problemas de ensino do esporte, ou seja, melhorar a prática pedagógica. A pedagogia do esporte é uma disciplina da ciência do esporte que visa a organização, sistematização, aplicação e avaliação dos procedimentos pedagógicos do esporte, a fim de intervir no processo de ensino, vivência e aprendizagem de diferentes modalidades (GALATTI, et al., 2014; GALATTI, 2006).

A pedagogia do esporte abrange as abordagens e métodos de ensino. Sendo a abordagem responsável por definir que tipo de conteúdo e procedimentos de ensino serão priorizados para construir um saber, respondendo ao porquê o ensino está sendo feito de uma forma e não de outra. Já o método é a materialização da abordagem, são os meios, as práticas e técnicas que o professor utiliza para alcançar o objetivo de ensino.

No que diz respeito ao ensino dos desportos coletivos predominam três tipos de abordagens: a forma centrada nas técnicas (soluções impostas pelo professor), a forma centrada no jogo formal (modo em que o professor intervém menos e os alunos aprendem fazendo) e a forma centrada nos jogos condicionados (o aluno busca soluções para o problema proposto no jogo) (GARGANTA, 1994). Cabe, desse modo, ao professor, escolher qual delas vai ser utilizada para alcançar os seus objetivos de ensino.

Por sua vez, quanto ao conceito de método, refiro-me a “uma atitude intelectual que busca identificar, na heterogeneidade das aulas, formas de mediação que facilitem a aprendizagem dos alunos, ainda sabendo que não é possível conseguir o artifício universal para ensinar a todos todas as coisas” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.77).

A forma de ensino centrada nas técnicas do esporte, cujo foco é o professor, corresponde a uma forma analítica de passar os conteúdos. Tal procedimento vem sendo contestado por Pires (2002) e comparado com abordagens que visam centrar o processo de ensino no aluno de forma mais contextualizada à prática esportiva. No

estudo de Pires (2002) foi comparado o método analítico com o método situacional no ensino da modalidade de futebol. Observou-se que o método analítico tem suas contribuições para a melhora da precisão do passe em situações estáveis, ou seja, sem imprevisibilidade. No entanto, nas situações reais de jogo o grupo que foi ensinado com o método situacional demonstrou melhores resultados, pois foram ensinados a lidar com a imprevisibilidade do jogo real.

Desta forma, pode-se entender que ensinar o esporte de forma fragmentada prejudica a construção de jogadores que saibam aplicar os aspectos táticos junto dos técnicos, ou seja, o método analítico isolado não atende satisfatoriamente os objetivos do ensino do esporte na escola. É preciso que o aluno consiga compreender esse fenômeno de uma forma global não baseado apenas na reprodução de movimentos e sim em todos os aspectos práticos e históricos que o esporte carrega. Além disso, conseguir por meio do ensino colaborar para a construção de um sujeito que saiba lidar com as demandas das práticas esportivas, tenha compreensão sobre como as ações técnicas interagem com os fundamentos táticos do jogo e saiba tomar decisões para cumprir os objetivos dos jogos, contribuindo assim para um aprendizado significativo para as diversas situações de jogo (CLEMENTE, 2014).

Desta forma, acredito que é mais plausível que o professor se utilize de abordagens e métodos que colocam o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem, que valorizam o aprendizado contextualizado do esporte, onde os aspectos táticos e técnicos possam ser trabalhados em conjunto nas situações de jogo e levam o aluno a construir um conhecimento mais próximo ao que acontece de fato durante as práticas esportivas.

4 O SPORT EDUCATION

Para que o ensino do esporte seja feito de forma que o aluno esteja no centro do processo e consiga desenvolver aprendizagens para o além do saber jogar, a metodologia *Sport Education* (Educação Esportiva) constitui uma possibilidade, pois caracteriza-se por ser um método de ensino no qual busca tornar a aula inclusiva, atrativa e funcional (GRAÇA; MESQUITA, 2007). Essa metodologia foi criada pelo Estado-unidense Daryl Siedentop, professor Emérito da Ohio State University, em 1980, e que publicou seu primeiro livro sobre o tema em 1994. Siedentop foi um

professor que se dedicava em produzir conhecimentos acerca da pedagogia do esporte, tendo produzido diversos livros sobre Educação Física, planejamento curricular e treinamento desportivo. Sua ideia, com o *Sport Education*, era fugir da simples reprodução formal do esporte no seu processo de ensino-aprendizagem, logo, propõe que o aluno deve ter uma vivência corporal autêntica do esporte (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

Graça e Mesquita (2007) ressaltam que o propósito do SE é formar a pessoa desportivamente competente, desportivamente culta e desportivamente entusiasta.

Competente, quer dizer que domina as habilidades de forma a poder participar no jogo de um modo satisfatório e que conhece, compreende e adota um comportamento tático apropriado ao nível de jogo praticado. Baseia-se na assunção de que o desempenho competente se relaciona mais com os conteúdos táticos, os jogos modificados e as progressões de jogos do que com o desenvolvimento das habilidades isoladas. Culto, significa que conhece e valoriza as tradições e os rituais associados ao desporto e que distingue a boa da má prática desportiva. Entusiasta, quer dizer que a prática do desporto o atrai e que é um promotor da qualidade e um defensor da autenticidade da prática desportiva (GRAÇA, MESQUITA, 2007, p.410).

Para atingir esses objetivos, o método se organiza seguindo seis características: a época esportiva, a filiação, a competição formal, o registro estatístico, a festividade e o evento culminante (GRAÇA; MESQUITA, 2007). Essas características são básicas do esporte tradicional que devem ser usadas preservando o aspecto pedagógico do esporte da escola (LANG; ZANELLA; ROSSETTO, 2024).

A época esportiva corresponde à organização de uma unidade didática, a qual deve conter um número prolongado de aulas, que sejam suficientes para que o aluno, ao final, tenha se apropriado da prática esportiva escolhida para o ensino. Esse número maior de aulas também visa que o estudante tenha a possibilidade de incluir a prática esportiva em seus hábitos de vida (LANG; ZANELLA; ROSSETTO, 2024). A filiação é o processo de organização de equipes, que potencializa funções específicas para cada integrante, os quais devem trabalhar de forma colaborativa. A competição formal corresponde a vivência de jogos competitivos entre as equipes. O registro estatístico é a organização de informações sobre a competição e o compartilhamento desses dados de forma criativa, por meio de jornais, blogs, programas de rádio etc. Por fim, o evento culminante corresponde ao momento em que os alunos podem

vivenciar a organização de um evento final de competição, podendo ocorrer, por exemplo, um momento de premiação (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

Por sua vez, é preciso lembrar que as dimensões do conhecimento colaboram para a organização do processo de ensino-aprendizagem. Quando o docente se utiliza delas para construção do seu planejamento é possível elaborar propostas relacionadas ao ensino significativo de modalidades esportivas. Refiro-me às dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais (BRASIL,1997).

A dimensão conceitual aborda “o que se deve saber”, logo, corresponde ao ensino de conteúdos como as regras, aspectos históricos de uma modalidade esportiva, os rituais, as relações do esporte com a saúde etc. A dimensão atitudinal refere-se ao “como se deve ser”, relativo então a aprender a trabalhar coletivamente, a aprender a respeitar as regras, sobre a ética nas práticas esportivas e outros assuntos pertinentes ao agir criticamente. E a dimensão procedimental diz respeito ao “o que se deve saber fazer”, sendo relacionada ao ensino das técnicas e gestos motores (BRASIL,1997).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo dessa revisão de literatura foi identificar o potencial do *Sport Education* para o trabalho docente em Educação Física.

Tendo isso em vista, optei em realizar uma revisão de literatura sobre a metodologia de ensino dos esportes *Sport Education* no contexto de ensino-aprendizagem de algumas das instituições de ensino do Brasil.

Assim, como primeiro movimento realizei um levantamento bibliográfico preliminar para verificar se existiam artigos publicados sobre a temática em contexto brasileiro. Para isso, fiz uma busca no Google acadêmico utilizando os descritores “Sport Education”, “Ensino” e “Brasil”. Fiz a leitura do resumo dos primeiros 5 artigos encontrados e avaliei que seria possível realizar a minha revisão de literatura (GIL,2002).

O próximo passo foi definir alguns critérios de busca e seleção dos artigos que deveriam fazer parte da revisão. Assim, defini que a busca se daria por artigos originais que tematizam sobre o método *Sport Education* na EF escolar; disponíveis em português, de forma gratuita e online: critério relacionado à acessibilidade e

otimização do tempo¹; e, também, artigos que foram publicados nos últimos dez anos, ou seja, de 2013 a 2023 (GIL,2002).

Num segundo momento, defini por realizar a busca dos artigos no portal de Periódicos da CAPES, entendendo-o como um critério relacionado à confiabilidade das produções. Os termos que serviram como descritores de busca foram “*Sport education*”, “Educação Física”, “Ensino” e “Escola”. Contudo, uma primeira leitura do título do artigo cumpria o importante papel de identificar aqueles textos que mereceriam passar para uma segunda fase de garimpagem, isto é, a leitura do resumo. A realização desses processos de garimpagem dos textos para futura análise atendia a dois critérios de exclusão: servia para excluir de futura análise aqueles textos que, porventura, ou não se tratavam de pesquisas empíricas ou, apesar de abordar os referidos termos, não o faziam em relação ao contexto do ensino dos esportes enquanto conteúdo da Educação Física escolar (GIL,2002).

Assim, na primeira fase da busca foram identificados onze artigos. Na segunda fase, após leitura dos resumos, apenas oito foram considerados para análise, pois de fato correspondiam aos critérios de inclusão.

Quadro 1 – Relação de artigos selecionados – Fonte: o próprio autor

Autor (es) /	Revista /Ano	Título
PEREIRA; PARENTE; GINCIENE, IMPOLCETTO	Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC/ 2023	Projeto de Educação Esportiva no Ensino Médio: possibilidades de desenvolvimento de graduandos e alunos
GINCIENE; MATTHIESEN	Movimento/2017	O modelo do sport education no ensino do atletismo na escola
VARGAS; MORISSO; GONZÁLEZ; SAWITZKI	Movimento/2018	A experiência do Sport Education nas aulas de educação física: utilizando o modelo de ensino em uma unidade didática de futsal
LOPES; CARLAN	MOTRICIDADES/ 2020	O ensino do futsal escolar a partir do Sport Education Model.

¹ A questão da otimização do tempo também está relacionada ao problema da precarização do trabalho docente na escola pública brasileira. Em síntese, as atuais condições contratuais de trabalho não permitem “tempo sobrando” para que o docente possa se aprofundar em seus estudos e pesquisas científicas, infelizmente.

GINCIENE; MATTHIESEN	Pensar a prática/2018	Estratégias para o ensino dos valores em aulas de Educação Física
SOUZA; COSTA	Motrivivência/2020	A exclusão (normativa) em aulas de Educação Física: enfrentando a indisciplina por meio do modelo de ensino sport education
PIRES; BUFALO; PARENTE; IMPOLCETTO	Corpoconsciência/2022	Reflexões a partir da aplicação do modelo do Sport Education
RODRIGUES; IMPOLCETTO	MOTRICIDADES/2023	Tênis de campo e sport education: análise de uma proposta de ensino

6 PROCESSO ANALÍTICO: O POTENCIAL DO *SPORT EDUCATION*

De acordo com (BETTI, 1998) o objetivo da Educação Física escolar é formar uma pessoa capaz de agir criticamente em relação às formas de cultura corporal. Por esse viés, é preciso se munir de estratégias de ensino que colaborem para o desenvolvimento de estudantes que compreendam o esporte como um fenômeno social da atualidade, entendam seus significados e manifestações para conseguirem usufruir e se envolver com ele do jeito que quiser no futuro (GINCIENE; MATTHIESEN, 2017).

Nesse sentido, as ações pedagógicas do *Sport Education* demonstram que a metodologia tem potencial para ensinar o esporte de forma eficiente na escola (VARGAS et al., 2018). É possível enquadrar ela dentro das orientações descritas na BNCC e outros documentos norteadores do ensino fundamental brasileiro, os quais regem a prática docente em Educação Física e nas outras áreas de ensino (BRASIL, 1997; BRASIL 2017).

Na concepção de Vargas et al (2018) o SE é uma alternativa para fugir dos métodos tradicionais de ensino do esporte, caracterizados por dois formatos típicos. O primeiro conhecido pela mera reprodução do esporte formal na escola, pautado na competitividade ao extremo e supervalorização do mais habilidosos; já o segundo formato pode ser denominado como “Largobol”, que ocorre quando o professor se exime do papel de educador e escolhe não intervir pedagogicamente no ambiente de aula deixando os alunos participarem de jogos auto-organizados.

Penso que dessa forma, tais métodos – tradicionais – não colaboram para atender satisfatoriamente o objetivo da Educação Física escolar e não contribuem

para um aprendizado crítico. Assim, como foi visto no estudo de Pires (2002), onde foi comparado o método tradicional analítico com o método situacional no ensino da modalidade de futebol, observou-se que o método analítico tem suas contribuições para a melhora da precisão do passe em situações estáveis, ou seja, sem imprevisibilidade. No entanto, nas situações reais de jogo o grupo que foi ensinado com o método situacional demonstrou melhores resultados, pois foram ensinados a lidar com a imprevisibilidade do jogo real. Além disso, nesse mesmo estudo diversas falhas foram encontradas na formação dos alunos advindos das metodologias analíticas focadas apenas na técnica de jogo, tais como: um baixo conhecimento tático do jogo, fragilidade ao lidar com situações encontradas na prática dele, dificuldade de tomar decisões mais corretas e falta de movimentação quando se está sem a posse da bola (PIRES, 2002).

Nota-se que os métodos tradicionais tendem a valorizar a dimensão procedimental em detrimento das outras e/ou deixam as atitudes e conceitos para serem trabalhados ao acaso sem nenhuma intencionalidade pedagógica, fato que prejudica a formação de alunos críticos nas aulas de Educação Física. Para isso, é importante que o fenômeno esportivo, e os demais conteúdos da Educação física escolar, sejam tematizados dando a devida atenção para as três dimensões do conhecimento de forma intencional (BRASIL,1997). Entendo que dessa forma o estudante terá a oportunidade de se desenvolver com mais autonomia e criticidade.

Levando isso em consideração, Ginciene e Matthiesen (2017), recorrendo ao SE, conseguiram trabalhar o conteúdo atletismo abrangendo as dimensões do conhecimento atitudinais, procedimentais e conceituais da modalidade. O conhecimento procedimental foi ampliado por meio de jogos e brincadeiras onde os alunos vivenciaram as diferentes corridas do atletismo. Já a dimensão conceitual foi trabalhada a partir dos conhecimentos técnicos e críticos onde, por exemplo, os estudantes precisaram aplicar o conhecimento sobre as regras durante a prática. E por fim, a dimensão atitudinal foi desenvolvida de forma transversal estimulando o trabalho em grupo, resolução de conflitos e a prevalência do sentimento de solidariedade na competição.

No mesmo sentido, ou seja, de trabalhar as dimensões do conhecimento de forma intencional, Pereira et al (2023) e Ginciene e Matthiesen (2018) demonstraram que as ações pedagógicas do SE foram aliadas para desenvolver a dimensão

atitudinal, construindo valores como respeito pelo próximo, respeito às diferenças, combate aos estereótipos e saberes sobre Fair play. Esses autores observaram que os alunos conseguiram fugir da lógica do “ganhar a qualquer custo”, respeitando mais as regras e combinados estabelecidos para o andamento dos jogos. Esses saberes foram construídos por meio da junção entre teoria e prática. Por exemplo, ao vivenciarem a função de arbitragem os alunos puderam sentir na pele as dificuldades e desafios deste componente do esporte. Após essa experiência puderam compreender a importância do árbitro para o jogo e modificaram positivamente suas atitudes em quadra apresentando mais respeito, cooperação e cordialidade.

Por sua vez, o estudo de Lopes e Carlan (2020) evidencia que o SE potencializou pedagogicamente o tempo de aula, pontuando houve maior envolvimento e motivação dos estudantes. Referem-se, especialmente, aos alunos que possuem mais dificuldades técnicas na modalidade de futsal, grupo que normalmente é excluído e demanda maior atenção do professor no sentido de que consigam se sentir incluídos e bem-vindos nas aulas de esporte. Os autores acreditam que esse resultado positivo está relacionado ao fato de poderem vivenciar diferentes papéis vinculados ao esporte institucionalizado, não tendo foco exacerbado no saber jogar. Além disso, as práticas dos jogos eram feitas em grupos reduzidos, o que favorece a participação e, conseqüentemente, a aprendizagem por parte daqueles que têm mais dificuldades (LOPES; CARLAN, 2020).

A maior participação dos alunos nas aulas também foi observada por Vargas et al (2018). Ressaltam os autores que esse ambiente mais participativo corroborou para um melhor aprendizado sobre o futsal. Os autores relatam, ainda, que estudantes se sentiram mais valorizados no contexto de aula, pois ao montar as equipes os autores procuraram organizar grupos equilibrados e mistos, desta forma todos ocuparam papéis importantes jogando, fazendo arbitragem e registrando as aulas. O ato de filiação a equipe também foi destacado como um fator que colaborou para esse maior envolvimento de todos, pois foi possível criar um clima de pertencimento ao grupo, onde cada um fazia algo para ajudar a equipe.

O maior engajamento dos estudantes ao utilizar o *Sport Education* pode ser justificado pelo fato dos alunos estarem mais envolvidos em todos os processos da aula. Ginciene e Matthiesen (2017) destacaram isso em seu estudo onde observaram que o método favoreceu que o aluno fosse colocado no centro do processo de ensino-

aprendizagem, sendo construtores e não receptores de conhecimento. Nesse mesmo caminho, Rodrigues e Impolcetto (2023) notaram que a característica da metodologia de colocar os alunos em jogos reduzidos o tempo todo favoreceu o ensino do tênis. Por estarem sempre envolvidos em jogos e atividades em grupo ficaram mais ativos e participativos, afirmam os autores.

Na mesma linha de raciocínio, os estudos aqui analisados evidenciam que a metodologia SE demonstra um potencial para estimular o trabalho coletivo e a inclusão nas aulas. Nesse contexto, Souza e Costa (2020) conseguiram trazer de volta para as aulas, estudantes que eram excluídos devido a atos de indisciplina dentro da escola. Enfatizam que com o SE foi possível aumentar a importância individual de cada estudante no desenrolar das ações pedagógicas. Em vez de retirar os estudantes “indisciplinados” os autores deram papéis de destaque dentro do processo, desta forma os estudantes se sentiram incentivados a participar do grupo que possuía metas e objetivos bem definidos, exigindo destes participantes uma postura adequada. Além de garantir o direito do estudante ao ensino, foi possível melhorar o comportamento deles em aula.

Outro grupo que, historicamente, sofre com a exclusão da aula de Educação Física em alguns contextos são as meninas. Nesse quesito, a utilização do SE parece promissora. Pires et al (2022) observaram que o fato da metodologia oportunizar que o aluno possa vivenciar diversos papéis além do apenas jogar foi positivo para a inclusão das meninas, que se sentiram mais confortáveis em aprender e participar da aula.

Por outro lado, é preciso lembrar que em termos de prática docente não há receitas e que o método de ensino *Sport Education* foi criado em um contexto totalmente diferente do brasileiro. Não reconhecer esse “detalhe” pode representar certa ingenuidade intelectual do professor, por isso, é preciso de tempo e dedicação da comunidade escolar para que o SE possa ser compreendido, adaptado e desenvolvido de forma satisfatória.

Além disso, a metodologia exige que o professor dedique mais tempo para planejar e organizar a unidade didática. Se levarmos em consideração o contexto brasileiro, onde os docentes por vezes têm pouco tempo de planejamento, isso se constitui em significativo desafio a ser superado (VARGAS et al, 2018). Penso que esse alerta também vale para os alunos, ou seja, é necessário tempo para que se

adaptem a essa nova forma de aprender sobre os esportes, pois o método SE orienta que eles sejam agentes ativos no processo, que sejam construtores de conhecimento junto com o professor, e não mero receptores (PEREIRA et al, 2023).

No mais, preciso pontuar que quanto às questões sociais, como as relações de gênero que atravessam o esporte, e quando o assunto é futsal por exemplo, há grande resistência dos meninos e várias barreiras (culturais) são colocadas para a inclusão das meninas na prática desse esporte. Essas questões podem ocorrer durante o processo de ensino de determinada modalidade esportiva, e entendo que o SE por si só não é capaz de solucionar esse problema, sendo necessário o professor se munir de estratégias pedagógicas auxiliares para trabalhar a temática a fim de superá-la (LOPES; CARLAN, 2020). De qualquer forma, desconstruir essa cultura é também papel dos professores em geral, e dos professores de EF em especial.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão bibliográfica foi possível identificar que a metodologia de ensino do esporte *Sport Education* se mostra eficiente e se enquadra dentro das recomendações dos documentos norteadores do ensino brasileiro. Os autores demonstram que o SE é uma metodologia de ensino do esporte que possibilita o desenvolvimento das dimensões do conhecimento atitudinal, procedimental e conceitual de forma conjunta. Isso pode ser justificado pelo fato dos alunos vivenciarem diversas funções presentes no esporte (jogadores, árbitros, técnicos, jornalistas, analistas de desempenho). Dessa forma a metodologia traz ferramentas para a tematização das dimensões do conhecimento de forma intencional, possibilitando que o aluno possa desenvolver conhecimentos acerca de como jogar (procedimental), das regras e funcionamentos dos jogos (conceitual). Além disso, as atividades em grupo favorecem contextos de convivência e respeito com colegas de equipe e adversários, fato que contribui para a construção do conhecimento atitudinal.

Os autores também observaram que houve um maior engajamento dos alunos nas aulas de Educação Física utilizando o SE. As dinâmicas as quais os alunos são expostos na metodologia colaboram para que o foco não seja exacerbado no saber jogar, e assim, possibilitando o sentimento de pertencimento no contexto de ensino, favorecendo o aprendizado de outros aspectos das modalidades esportivas. Ainda, alunos que foram excluídos das aulas de EF por terem maior dificuldade técnica ou

motora, por questões de gênero ou também por falta de disciplina na escola foram incluídos nas aulas por meio do SE e tiveram experiências positivas no aprendizado esportivo. O fato de a metodologia oportunizar que o aluno seja colocado como protagonista do seu aprendizado favorece essa maior inclusão, pois durante as práticas eles são sempre estimulados a construir o conhecimento esportivo e não são apenas receptores de informações.

A análise dos artigos também evidenciou que, por ser criado em um contexto diferente do brasileiro, a instituição de ensino que for utilizar o SE precisa de tempo e dedicação para compreendê-lo e desenvolvê-lo de forma satisfatória. Além disso, a metodologia exige que o professor disponha de mais tempo para planejar e organizar a unidade didática, e isso em contexto brasileiro pode ser um desafio.

Penso que nesses tempos em que tudo é virtual, estudar, compreender e desenvolver outras (novas) estratégias de ensino, que favoreçam o lazer ativo das crianças e adolescentes, pode ser revolucionário. Por essa linha de raciocínio, seria relevante a realização de mais estudos, originais, que testassem o SE em outros contextos para que seja possível entender ainda mais o funcionamento deste método de ensino dos esportes na Educação Física Escolar.

Por fim, acredito que seja importante aprofundar a revisão em outras bases de pesquisa para debater mais a temática, sendo essa uma limitação deste estudo.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, Brazil: Papyrus Editora, 1998.

BRASIL, M. E. C. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da educação e do desportosecretaria, 1997.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CHARLOT, Bernard. Ensinar a educação física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito. **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristóvão: Editora da UFS, p. 231-46, 2009.

CLEMENTE, Felipe Manuel Uma visão integrada do modelo teaching games for understanding: adequando os estilos de ensino e questionamento à realidade da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 36, n. 2, p. 587–601, 2014.

DA SILVA, Daiane Oliveira et al. Atividade circense na escola: caminhos à organização didática a partir da concepção crítico-emancipatória. **LICERE-Revista do**

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 19, n. 1, p. 306-326, 2016.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153–162, 2014.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. Tese de Doutorado. [sn].

GARGANTA, Julio manuel. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, Amândio & OLIVEIRA, J. (orgs.).O ensino dos jogos desportivos:FCDEF-UP: **Centro de Es-tudos dos Jogos Desportivos**, p. 11-25, 1994.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas SA, 2002.

GINCIENE, Guy; MATTHIESEN, Sara Quenzer. O MODELO DO SPORT EDUCATION NO ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA. **Movimento**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 729–742, 2017.

GINCIENE, Guy; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Estratégias para o ensino dos valores em aulas de educação física. **Pensar a prática**. Goiânia. Vol. 21, n. 1 (2018) p. 1-12, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime.; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. A investigação sobre modelos de ensino dos jogos desportivos. **Rev Port Cien Desp** 7(3) 401–421 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando.**Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Artmed Editora, 2007.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ed. Unijuí, 1994.

LANG,Affonso Manoel Righi; ZANELLA, Larissa Wagner; Rossetto Luiz Valerio. A utilização das tics e do modelo sport education no ensino dos esportes de invasão: um relato de experiência no campus sertão do IFRS In: BAGNARA, Ivan Carlos et al. **Educação física no IFRS: experiências didático-pedagógicas**. 2024. 1 ed. Bento Gonçalves, RS: IFRS, 2024.

LOPES, Fabiano Schulz; CARLAN, Paulo. O ensino do futsal escolar a partir do Sport Education Model. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 4, n. 2, p. 127-141, 2020.

PEREIRA, Beatriz de souza et al. Projeto de Educação Esportiva no Ensino Médio: análise de atitudes na Educação Física escolar. **Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC**, v. 17, p. 1-27, 2023.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. Funções sociais da escola da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Ángel. I. **Compreender e transformar e ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-26.

PIRES, Aluizio Henrique Rocha et al. Gênero e educação física escolar: Reflexões a partir da aplicação do modelo do sport education. **Corpoconsciência**, p. 149-164, 2022.

PIRES, Hed Vilson. Análise comparativa entre o método analítico e o método situacional no processo de ensino/aprendizagem/treinamento do passe no futebol. **Revista digital Lecturas: Educaciòn Física y Deporstes, Buenos Aires**, n. 50, 2002.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 600-610, 2009.

RODRIGUES, Leandro Mendes; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Tênis de campo e sport education: análise de uma proposta de ensino. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 7, n. 2, p. 155-167, 2023.

SAVIANI, Nereide. Currículo: um grande desafio para o professor. **Revista de Educação**, v. 16, p. 35-38, 2003.

SILVA, Marlon André da; SILVA, Lisandra Oliveira; MOLINA NETO, Vicente. Possibilidades da educação física no ensino médio técnico. **Movimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Vol. 22, n. 1 (jan./mar. 2016), p. 325-336, 2016.

SOUZA, Hadamo Fernandes de; COSTA, Jonatas Maia da. A exclusão (normativa) em aulas de Educação Física: enfrentando a indisciplina por meio do modelo de ensino sport education. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, 2020.

VARGAS, Tairone Girardon de et al. A experiência do Sport Education nas aulas de educação física: utilizando o modelo de ensino em uma unidade didática de futsal. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 735-748, 2018.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas?. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1287-1302, 2007.